

Ensino e pesquisa em arquivologia: cenários prospectivos



**Renato Pinto Venâncio
Welder Antônio Silva
Adalson Nascimento
(organizadores)**



**V Reunião Brasileira de Ensino e
Pesquisa em Arquivologia**

**Ensino e pesquisa em arquivologia:
cenários prospectivos**

Renato Pinto Venâncio
Welder Antônio Silva
Adalson Nascimento

(organizadores)

FÓRUM NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA

Coordenadores

Biênio 2016-2017: Welder Antônio Silva (UFMG)

Biênio 2018-2019: Thiago Henrique Bragato Barros (UFPA)

V REUNIÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA

Evento realizado na Escola de Ciência da Informação da UFMG em Belo Horizonte, Minas Gerais, de 07 a 10 de novembro de 2017

COMISSÃO ORGANIZADORA – UFMG

Coordenador: Welder Antônio Silva

Subcoordenadora: Cintia Aparecida Chagas Arreguy

Alessandro Ferreira Costa

Ivana Denise Parrela

José Francisco Guelfi Campos

Marta Eloísa Melgaço Neves

COMISSÃO CIENTÍFICA

Presidente: Renato Pinto Venâncio (UFMG)

Vice-presidente: Adalson de Oliveira Nascimento (UFMG)

Ana Célia Rodrigues (UFF)

Daniel Flores (UFSM)

Eliezer Pires da Silva (UNIRIO)

Georgete Medleg Rodrigues (UnB)

Heloísa Liberalli Bellotto (USP)

José Maria Jardim (UNIRIO)

Lúcia Maria Velloso de Oliveira (FCRB)

Maria Celina Soares de Mello e Silva (MAST)

Renato Tarciso Barbosa de Sousa (UnB)

COMISSÃO AVALIADORA

Diretor: Renato Pinto Venâncio (UFMG)

Adalson de Oliveira Nascimento (UFMG)

Ana Célia Rodrigues (UFF)

Andre Malverdes (UFES)

Anna Carla Almeida Mariz (UNIRIO)

Cintia Aparecida Chagas Arreguy (UFMG)

Clarissa Moreira dos Santos Schmidt (UFF)

Cynthia Roncaglio (UnB)

Daniel Flores (UFSM)

Eliane Braga de Oliveira (UnB)

Eliezer Pires da Silva (UNIRIO)

Georgete Medleg Rodrigues (UnB)

Glaucia Vieira Ramos Konrad (UFSM)

Heloísa Liberalli Bellotto (USP)
Ivana Denise Parrela (UFMG)
João Marcus Figueiredo Assis (UNIRIO)
José Maria Jardim (UNIRIO)
Julianne Teixeira e Silva (UFPB)
Katia Isabelli de Bethania Barros e Melo (UnB)
Lúcia Maria Velloso de Oliveira (FCRB)
Luciana Quillet Heymann (CPDOC/FGV)
Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano (UNESP)
Maria Celina Soares de Mello e Silva (MAST)
Maria Teresa Navarro de Britto Matos (UFBA)
Moisés Rockembach (UFRGS)
Natália Bolfarini Tognoli (UNESP)
Renato Tarciso Barbosa de Sousa (UnB)
Roberto Lopes dos Santos Junior (UFPA)
Thiago Henrique Bragato Barros (UFPA)
Ursula Blattmann (UFSC)
Welder Antônio Silva (UFMG)

COMISSÃO DE APOIO – TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO DA UFMG

Amanda dos Santos da Paixão
Cláudia Márcia
Christiano B. Santos
Edgar Gonzaga
Élida Pieri
Eliedir Marcelina
Gilma Pereira
Guilherme Diniz
Gustavo Miranda Ferreira
Nely Ferreira
Luiz Henrique Loureiro
Viviany Braga

MONITORES – ALUNOS/AS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFMG

Gilmar Rodrigues Barreto
Gisele Maria Arcanjo
Graziele Cristina Rodrigues Silva
Neide Araujo Oliveira Braga
Suellen Alves de Melo
Suzana Cristina de Oliveira da Cruz
Yara Levy martins de Souza Sane

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-reitor: Alessandro Fernandes Moreira

ESCOLA DE CIÊNCIA INFORMAÇÃO
Diretora: Terezinha de Fátima Carvalho de Souza
Vice-diretora: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
Coordenadora: Maria Guiomar da Cunha Frota
Subcoordenador: Fabrício José Nascimento da Silveira

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA
Coordenadora: Cintia Aparecida Chagas Arreguy
Subcoordenadora: Mariana Batista do Nascimento

CAPA, DIAGRAMAÇÃO, ARTE E FINALIZAÇÃO DO E-BOOK
Edinaldo Medina Batista

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65609-09-8



R444 Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (5. : 2017: Belo Horizonte, MG)

Ensino e pesquisa em arquivologia [recurso eletrônico] : cenários prospectivos / Renato Pinto Venâncio; Welder Antônio Silva; Adalson Nascimento (Organizadores). – Dados eletrônicos. – Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação, 2018. 728 p. : il. E-book.

Inclui referências.
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN: 978-85-65609-09-8

1. Arquivologia – Congressos. 2. Arquivologia – Ensino. 3. Arquivologia – Pesquisa. I. Venâncio, Renato Pinto. II. Silva, Welder Antônio. III. Nascimento, Adalson.

CDU: 651.5(063)

Ficha catalográfica: Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG.

DIREITO AUTORAL E DE REPRODUÇÃO

Direitos de autor © 2018 para artigos individuais dos autores. São permitidas cópias para fins privados e acadêmicos, desde que citada a fonte e autoria. A republicação deste material requer a permissão dos detentores dos direitos autorais. Os editores deste volume são responsáveis pela publicação e detentores dos direitos autorais.

Escola de Ciência da Informação da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31.270-010
www.eci.ufmg.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... p.10

MOÇÕES..... p.12

PLENÁRIAS

1. A EXPERIÊNCIA DO MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS NA UNIRIO.....p.16
Eliezer Pires da Silva, Mariana Lousada

2. CURSOS DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: RUMO À UMA HARMONIZAÇÃO CURRICULAR POSSÍVEL.....p.29
Welder Antônio Silva, Cintia Aparecida Chagas Arreguy, Leandro Ribeiro Negreiros

3. PROSPECÇÃO DOS ARQUIVOS: FUTURO DA ARQUIVOLOGIA.....p.44
Daniel Flores, Graziella Cé

COMUNICAÇÕES

I - EXPERIÊNCIAS CURRICULARES

4. RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM DISCIPLINAS RELACIONADAS À FUNDAMENTOS, AVALIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO ARQUIVÍSTICAS.....p.63
Evelin Melo Mintegui, Roberta Pinto Medeiros, Thiago Henrique Bragato Barros

5. REFORMA CURRICULAR DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UFES: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....p.80
Tânia Barbosa Salles Gava, Luciana Itida Ferrari, Margarete Farias de Moraes

6. DO ENSINO À PRÁTICA DA CLASSIFICAÇÃO NOS ARQUIVOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....p.100
Fernanda da Costa Monteiro, Fernanda de Souza Antunes

7. A DESCRIÇÃO NOS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA DO BRASIL: ASPECTOS TEÓRICOS, CONCEITUAIS E TERMINOLÓGICOS DE UMA FUNÇÃO ARQUIVÍSTICA.....p.114

Natália Bolfarini Tognoli, Laura Maria Rego Piva, Rafael Cacciolari Dalessandro

II - GESTÃO DOCUMENTAL E ACESSO À INFORMAÇÃO

8. ROTEIRO DE APLICAÇÃO DA GESTÃO POR PROCESSOS NA GESTÃO DE DOCUMENTOS.....p.133

Fábio Barros Silva, Antônio Rodrigues Andrade

9. METODOLOGIA DA IDENTIFICAÇÃO APLICADA A CONSTRUÇÃO DE PLANO DE CLASSIFICAÇÃO PARA ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS.....p.152

Silvia Lhamas de Mello, Ana Célia Rodrigues

10. MANUAL DE IDENTIFICAÇÃO DE ATRIBUIÇÕES DE ÓRGÃO PRODUTOR: PARÂMETROS PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ATRIBUIÇÕES DO ÓRGÃO PRODUTOR VISANDO A ELABORAÇÃO DE PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS.....p.171

Mariana Batista do Nascimento

11. GESTÃO DE DOCUMENTOS NO ÂMBITO DO PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL.....p.188

Eduardo Luiz dos Santos, Ana Celeste Indolfo

12. A GESTÃO DE DOCUMENTOS NA SOCIOEDUCAÇÃO: O CASO DO NOVO DEGASE.....p.208

Jean Maciel Xavier, Eliezer Pires da Silva, Mariana Lousada

13. A ORGANIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS NO CONTEXTO DOS SERVIÇOS ASSISTENCIAIS E ADMINISTRATIVOS EXISTENTES EM ORGANISMOS PRODUTORES DE SERVIÇOS DE SAÚDE.....p.229

Gillian Leandro de Queiroga Lima, Louise Anunciação Fonseca de Oliveira do Amaral, Hernane Borges de Barros Pereira, Francisco José Aragão Pedroza Cunha

14. A APLICABILIDADE DA METODOLOGIA DA IDENTIFICAÇÃO ARQUIVÍSTICA AOS ARQUIVOS CIENTÍFICOS DO NÚCLEO DE PESQUISA GECEM/UFRJ...p.244
Jacilene Alves Brejo, Junia G.C. Guimarães e Silva

15. OPACIDADE E TRANSPARÊNCIA INFORMACIONAL: A VIGILÂNCIA COMO FERRAMENTA DE CONTROLE E ACESSO A DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS.....p.258
Thayron Rodrigues Rangel, Rodolpho Guimarães Pereira, Brenda Couto de Brito Rocco

III - LEGISLAÇÃO E POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS

16. POR UM MODELO SOCIETAL NA GESTÃO DAS POLÍTICAS ARQUIVÍSTICAS.....p.276
Gleice Carlos Nogueira Rodrigues, Paulo Roberto Elian dos Santos

17. PROPOSTA PARA A POLÍTICA E O SISTEMA DE ARQUIVOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE.....p.293
Igor José Garcez, José Maria Jardim

18. OS ARQUIVOS NOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO: ESTUDO DE IDENTIFICAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS ARQUIVÍSTICAS PARA O ACESSO À INFORMAÇÃO.....p.314
Ana Celia Rodrigues

19. O CONCEITO DE ARQUIVO E DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO EM ESTUDOS DE LEGISLAÇÃO ARQUIVÍSTICA.....p.326
Margareth da Silva

IV - PATRIMÔNIO DOCUMENTAL E AÇÃO EDUCATIVA

20. O DOCUMENTO ARQUIVÍSTICO COMO PATRIMÔNIO EM CENTROS DE MEMÓRIA DO PODER JUDICIÁRIO FEDERAL BRASILEIRO.....p.346
Rodrigo Costa Japiassu, Vitor Manoel Marques da Fonseca, Lídia Silva de Freitas

21. IMPACTOS DO ATOM NA DESCRIÇÃO E NO ACESSO AOS ACERVOS ARQUIVÍSTICOS DA CASA DE OSWALDO CRUZ.....p.363

Cleber Belmiro dos Santos, Eliezer Pires da Silva

22. ENTRE AS OBRAS E OS DOCUMENTOS: INTERSEÇÕES ENTRE OS SABERES ARQUIVÍSTICO E MUSEOLÓGICO NO TRATAMENTO DO ACERVO DO ARTISTA PLÁSTICO RUBENS GERCHMAN.....p.382

Thayane Vicente Vam de Berg

23. UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA REALIZADA NO PROJETO DE EXTENSÃO “CAFÉ COM ARQUIVO: O DOCUMENTO EM DEBATE.....p.397

Fernanda da Costa Monteiro, Daniele Chaves Amado

V - HISTÓRIA DOS ARQUIVOS E DA ARQUIVOLOGIA

24. HISTÓRIA DOS ARQUIVOS E DA ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: NOTAS SOBRE O ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA.....p.410

Maria Teresa Navarro de Britto Matos, Rita de Cássia Santana de Carvalho Rosado

25. ARQUIVOS E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: A TEMÁTICA ARQUIVÍSTICA NA REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO, 1938-1945.....p.430

Vitor Manoel Marques da Fonseca, Darlene Alves Bezerra

VI - PERFIL E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

26. UM ESTUDO SOBRE O PERFIL DOS ARQUIVISTAS NA FORÇA AÉREA BRASILEIRA: UM PANORAMA ENTRE OS ANOS DE 2007 E 2015.....p.451

Raquel Fernandes Tavares, Priscila Ribeiro Gomes

27. PERFIL E AUTO-IMAGEM PROFISSIONAL DOS ARQUIVISTAS DO RIO DE JANEIRO.....p.471

Wagner Ramos Ridolphi, Luiz Cleber Gak

28. A PESQUISA EM ARQUIVOS E ARQUIVOLOGIA NO BRASIL: ANÁLISE DOS GRUPOS DE PESQUISA CERTIFICADOS PELO CNPq.....p.489

Angélica Alves da Cunha Marques, Cynthia Roncaglio, Natália Bolfarini Tognoli, Thiago Henrique Bragato Barros

VII - INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS ARQUIVÍSTICOS

29. REFLETINDO SOBRE AS INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS E A COMPLEXIDADE.....p.507

Brenda Couto de Brito Rocco, Bianca Couto de Brito

30. SERVIÇOS TERCEIRIZADOS DE GUARDA EXTERNA DE DOCUMENTOS PROSPECTADOS NA PETROBRAS.....p.523

José Antonio Pereira Do Nascimento, Ana Celeste Indolfo

31. GOVERNANÇA DE SERVIÇOS ARQUIVÍSTICOS: POSSIBILIDADES E POTENCIALIDADES EM ORGANIZAÇÕES DE CARÁTER PRIVADO.....p.542

Alexandre de Souza Costa

32. CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DE INTEGRAR A PRESERVAÇÃO E A GESTÃO DE DOCUMENTOS NO COMANDO DA AERONÁUTICA.....p.556

Karina Veras Praxedes

VIII - TIPOLOGIA DOCUMENTAL

33. DOCUMENTAÇÃO EM SAÚDE: EXPERIÊNCIA NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO POLYDORO ERNANI DE SÃO THIAGO.....p.576

Isabella Christina Gondim, Eliana Maria dos Santos Bahia

34. CARTA DE AMOR COMO PONTO DE ACESSO: RESULTADOS DE PESQUISA.....p.596

Camila Mattos da Costa, Lucia Maria Velloso de Oliveira

35. A TIPOLOGIA DOCUMENTAL DOS ÓRGÃOS DE REPRESSÃO NA DITADURA CIVIL MILITAR NOS ANOS 1970.....p.614

Rosale de Mattos Souza

36. APONTAMENTOS ACERCA DO DOCUMENTO TÉCNICO DE ENGENHARIA NO CAMPO TEÓRICO DOS ARQUIVOS.....p.633

Marilda Martins Coelho, Clarissa Moreira dos Santos Schmidt

IX - ARQUIVOS, UNIVERSIDADES E MUSEUS

37. DOCUMENTOS DE ARQUIVO PRODUZIDOS PELAS ATIVIDADES DE PESQUISA: UMA ANÁLISE DOS CADERNOS DE LABORATÓRIO.....p.652

Paulo Roberto Elian dos Santos, Renata Silva Borges, Francisco dos Santos Lourenço

38. ARQUIVOS EM MUSEUS E ARQUIVOS DE MUSEUS: DOIS CONCEITOS PARA OS ARQUIVOS NOS MUSEUS.....p.671

Fabiana Costa Dias, João Marcus Figueiredo Assis

39. ARQUIVOS DE MUSEUS: UM PROGRAMA DE GESTÃO DE DOCUMENTOS PARA O MUSEU DO ÍNDIO.....p.690

Thais Tavares Martins, Ana Celeste Indolfo

40. ARQUIVOS DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR: MANUTENÇÃO, GUARDA E ACESSO.....p.709

Zenóbio Santos Júnior, Luiz Cláudio Gomes Maia, Ana Maria Pereira Cardoso

22

**ENTRE AS OBRAS E OS DOCUMENTOS:
INTERSEÇÕES ENTRE OS SABERES ARQUIVÍSTICO E MUSEOLÓGICO NO
TRATAMENTO DO ACERVO DO ARTISTA PLÁSTICO RUBENS GERCHMAN¹**

Thayane Vicente Vam de Berg

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo discutiremos o arquivo pessoal do artista plástico Rubens Gerchman², de modo a problematizar o seu universo de produção documental como interconectado à dimensão do trabalho do artista reconhecida como “de criação” ou “de inspiração”. Nesse sentido foi necessário identificar a função dos documentos pessoais no processo artístico e qual o papel desses documentos para interpretar as obras.

No caso específico de Gerchman, a conformação do seu arquivo pessoal é reveladora, no que tange ao uso do arquivo pelo próprio artista, que lhe servia como repositório de informações e fonte de inspiração. Dentre os vários documentos que o compõem é significativo que a maior quantidade seja formada por registros iconográficos e recortes de jornais (estes em sua maioria também acumulados por seu valor pictórico). São aproximadamente 20.000 imagens (entre fotografias, cromos, slides e negativos) e mais de 2.500 recortes de jornais. Tal dado é relevante e pode ser compreendido ao se analisar as obras de Gerchman e se perceber que a grande maioria de seus quadros são imagens inspiradas nesse material fotográfico e jornalístico que por ele foi selecionado e guardado.

¹ Este artigo foi desenvolvido a partir da pesquisa de mestrado intitulada “Arquivos de artistas plásticos: O processo de criação artística nos documentos de Rubens Gerchman”, defendida em dezembro de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGARQ/UNIRIO). Disponível em: < <http://www.unirio.br/ppgarq/tccs/turma-2015/vam-de-berg-thayane-vicente-arquivos-de-artistas-plasticos-o-processo-de-criacao-artistica-nos-documentos-de-rubens-gerchman/view>>.

² Rubens Gerchman (1942-2008) foi um artista plástico da arte contemporânea brasileira. Sua obra destaca-se por ser inspirada em elementos que fazem parte da realidade e do cotidiano. Nos seus 50 anos de atividade artística participou de mais de 240 exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior. A custódia deste arquivo pertence ao Instituto Rubens Gerchman (IRG). No ano de 2015, este arquivo recebeu o título/prêmio de Acervo Memória do Mundo, pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). Tal premiação reconhece a importância patrimonial deste arquivo.

No arquivo do artista são encontradas as facetas de suas intenções, inspirações, ou seja, o significado da obra vai além daquilo que está na tela ou no objeto usualmente entendido como museológico. Por meio da documentação presente em seu arquivo pessoal, suas pinturas passam a ter uma contextualização, uma história a ser descoberta. Calvino (1990 *apud* FERRANDO e GONÇALVES, 2015, p.286) diz que “a obra consiste na cadência infinita de agregação de ideias, ou seja, na série infinita de aproximações para atingi-la”.

A obra de Gerchman, além de ser o produto da atividade dele como artista plástico, ainda possui alguns aspectos peculiares e inerentes à composição do seu acervo, como: a utilização de documentos pessoais (considerados tradicionalmente arquivísticos) na composição de algumas obras e o uso de documentos como fonte de inspiração para sua produção. Desse modo, podemos dizer que existem dois vínculos: um explícito, com o uso do documento na obra como elemento significativo; e outro implícito, perceptível e acessível pelo estudo do arquivo.

A atividade de Gerchman como artista resulta em diferentes funções e tipologias documentais que possuem vínculos arquivísticos entre si. A partir disso depreende-se que o testemunho dessa produção se materializa tanto nas próprias obras de artes, quanto no conjunto de documentos que compõem as etapas de produção dessas obras, tais como rascunhos, projetos, estudos, fotografias. A partir disso podemos dizer que, no que se refere a arquivos pessoais, além da documentação usualmente encontrada, como carteira de identidade, certidão de nascimento, correspondências, há também documentos que se ligam diretamente à profissão exercida pelo indivíduo. No caso dos artistas plásticos, tal qual nos arquivos de literatos, cineastas, entre outros, há aqueles documentos que revelam as etapas de criação do autor, ou seja, o processo desde a inspiração até a arte final. Nos documentos do processo de criação artística estão os registros da mente criadora em ação.

2 OS VÍNCULOS DE ORGANICIDADE EM ACERVOS DE ARTISTAS PLÁSTICOS

Acervos de artistas plásticos são compostos concomitantemente de documentos e objetos, ou seja, o acervo apresenta uma dualidade que lhe é inerente e que não pode ser desmembrada. No acervo de Rubens Gerchman encontram-se simultaneamente suas fotografias, correspondências, gravações, poemas, livros, pinturas, materiais de trabalho, anotações do dia-a-dia e de viagens, rascunhos, catálogos de exposições e de leilões, etc. Um conjunto múltiplo de documentos e objetos concatenados que mantêm relação entre si (organicidade), o que dificulta uma divisão formal entre o que é material de arquivo e o que é material de museu. Tal divisão empobrece a visão dessa coesão, pois ambas as partes do acervo são essenciais para entender o artista e sua obra. É nesta discussão que incide um dos focos dessa pesquisa sobre o acervo do artista plástico Rubens Gerchman que visa compreender as interseções entre os saberes arquivístico e museológico no tratamento e processamento deste tipo específico de acervo.

Apesar dos campos do conhecimento da Arquivologia e da Museologia terem adquirido autonomia, continuaram próximos e tal proximidade é antiga e remonta ao surgimento dessas áreas. Silva (2013, p.25) diz que elas surgiram vinculadas entre si e que posteriormente houve

a especialização e a fragmentação [das áreas], através da ênfase nas características distintivas do artefato/documento, e não do enfoque prioritário no mentefacto/informação – seu contexto, suas relações, organização e reprodução (SILVA, 2013, p.25).

McKemmish (2013, p.25-26) contribui na discussão ao dizer que

tradicionalmente, estabelecemos limites entre diferentes tipos de histórias, diferentes formas de registro de informações, o que ensejou o desenvolvimento de diferentes comunidades profissionais para gerenciá-las, conforme sejam repositórios de conhecimento, depósitos de documentos, arquivos, bibliotecas, museus, galerias, sítios históricos. [...] Na ciência e na prática arquivística, temos tradicionalmente trabalhado com uma visão estreita das formas que os arquivos e os registros podem adquirir, em geral excluindo as formas orais de registro, a literatura, [...] Nossos paradigmas probatórios e memoriais estão mudando, o arquivo está sendo repensado, e as fronteiras, redefinidas ou mesmo destruídas. É possível agora encarar um diário, uma carta, poemas, pinturas, um artefato, relatos orais, uma autobiografia, apresentações, qualquer edifício ou paisagem como elementos passíveis de assumir múltiplas formas; desempenhar múltiplas funções – como registro, publicação, objeto de museu, obra

de arte [...]; originar-se de múltiplas procedências – como parte de um arquivo pessoal ou público, de uma biblioteca, museu ou galeria (MCKEMMISH, 2013, p.25 - 26).

O conceito de arquivo tem um sentido amplo que não se limita ao tipo de documento e suporte, mas afirma que a natureza dos documentos de arquivo reside no fato de terem sido produzidos ou recebidos por pessoa física ou jurídica no exercício de suas atividades (ARQUIVO NACIONAL, p.27, 2005). A definição do conceito, portanto, se relaciona a finalidade, função e vínculo arquivístico. Uma vez que o suporte não é algo limitador, no caso de acervos de artistas plásticos, as obras por eles produzidas poderiam ser consideradas documentos arquivísticos, pois o vínculo com o seu produtor é inegável, visto que as obras são registros materiais de uma ação/atividade, oriunda de um processo cognitivo fruto da imaginação e da inspiração do artista, que apenas estão representados em uma linguagem diferente daquela identificada nos documentos textuais.

Para Camargo (2011, p.160) outros gêneros documentais, além dos textuais são por vezes entendidos apenas como “coadjuvantes ou complementares”, mas este entendimento deve ser evitado, uma vez que a Arquivologia já ampliou seus debates sobre o conceito de documento. Tal visão de documentos coadjuvantes vem de uma Arquivologia mais conservadora e que foi posta de lado com as novas pesquisas da Arquivologia Contemporânea que propõe uma problematização sobre o assunto.

Percebe-se a imensa riqueza existente em arquivos pessoais ao serem identificados os inter-relacionamentos dinâmico e contextual existentes entre a documentação, o titular e suas atividades (COOK, 1998, p.135). No arquivo de Gerchamn é possível reconhecer a organicidade existente entre as obras e os documentos que são o conjunto resultante de atividades da vida do titular.

Conforme Cirillo e Costa (2011, p.09),

o documento de arquivo além de ser definido através de seu contexto de produção precisa apresentar a informação em correlação com os outros documentos que também foram produzidos no exercício dessa mesma função. A importância de se atentar para esses fatos independe da tipologia documental. Os documentos resultantes do processo de criação podem apresentar-se nas mais variadas formas (CIRILLO e COSTA, 2011, p.09).

Nos acervos pessoais de artistas estão presentes tanto aquilo que serviu de base para a produção do artista e os registros derivados do seu processo criativo, quanto o produto do artista que é a obra em si. No caso de Rubens Gerchman, tal situação está presente em seu acervo, que contém tanto sua produção intelectual (obras), resultado final e principal da atividade/função por ele desempenhada como artista plástico, como o conjunto de documentos que nem sempre apenas relatam, mas por vezes participam dessa produção.

Mais do que defender que obras podem ser documentos pelo vínculo com o produtor, este trabalho se propõe a discutir como essa visão mais abrangente pode se configurar numa abordagem entre as disciplinas encarregadas do acervo Gerchman, que necessita de um olhar conjunto no seu tratamento.

Camargo (2011, p.161) em seu artigo sobre objetos em arquivos, questiona o modo como é identificado o que é documento de arquivo, pois para esta autora mais do que tentar distinguir os materiais existentes nos arquivos pessoais que podem ser chamados de documento de arquivo, o ideal é que se questione os fatores relacionados ao contexto de criação do objeto.

Outro autor que aceita ampliações no conceito de documento de arquivo para além dos documentos em suporte papel (textuais) é Silva (2013, p.29), que define documento como “toda e qualquer inscrição, num suporte material e externo à pessoa humana” que pode estar registrado “através de diferentes códigos possíveis”. Para este autor não apenas uma carta ou um livro podem ser considerados documentos, mas também uma pintura ou uma escultura, uma vez que são representações mentais codificadas que foram produzidos por alguém.

O acervo de Rubens Gerchman contempla não apenas seus documentos textuais, iconográficos, audiovisuais e filmográficos, entendidos mais tradicionalmente como documentos de um arquivo pessoal, mas também o conjunto de pinturas, esculturas, gravuras, objetos produzidos pelo artista. Não se trata, portanto, de um conjunto disperso, pois todos estão sob a custódia do IRG, o que lhes garante a autenticidade. As obras de Gerchman assim como os documentos por ele produzidos/acumulados possuem relação entre si e se complementam mutuamente como fontes para o entendimento da obra estética do artista. No caso de arquivos de artistas plásticos, a divisão formal entre os registros que são de arquivo e os que são de museu dilui as variadas dimensões do acervo.

Para lidar com objetos múltiplos e uma realidade complexa é necessária uma metodologia de trabalho que faça pontes entre as diferentes áreas do conhecimento, pois não é possível obter uma resposta completa em nenhuma delas. É necessário compreender que uma única perspectiva disciplinar não é capaz de tratar o acervo respeitando a diversidade documental e seus vínculos contextuais. O ideal é que haja um trabalho interdisciplinar, porém a dificuldade é que arquivistas e museólogos estão acostumados a trabalhar isolados, pois cada disciplina consolidou a sua metodologia, seus pressupostos teóricos. Por isso é um grande desafio fazer essa movimentação, apontando para essa integração de sistemas, teorias e metodologias. Guardar apenas materialmente a obra não é o suficiente, pois é somente por meio da documentação presente no arquivo do artista que é possível fazer as relações de contexto (BEVILACQUA, 2010). Apenas após estabelecidas as informações contextuais que conectam os documentos a seu produtor de forma orgânica é que deve-se partir para o tratamento específico dos gêneros e das áreas.

A organização do acervo de Rubens Gerchman foi realizada a partir de um tratamento integrado do acervo, utilizando-se os conhecimentos da Arquivologia, Museologia e outras áreas do conhecimento, como História e Artes Plásticas, para entender o artista e sua obra, temporal e espacialmente. Esse mergulho interdisciplinar possibilitou que desde o início das ações de organização do acervo fosse viabilizado o entrecruzamento de informações entre as equipes arquivística e museológica como forma metodológica de tratamento do acervo, cujo intuito era promover a integração entre ambos.

Essa aproximação entre os saberes não significa diluir as peculiaridades inerentes a cada um, sem respeitar suas características, mas sim pensar alguns aspectos cruciais existentes nos arquivos de artista, tais como: “problemas epistemológicos, metodológicos e operacionais” (MENESES, 2010, p.20) que precisam ser problematizados em conjunto, na tentativa de encontrar as melhores soluções para o seu tratamento. Meneses (2010, p.18) ao refletir sobre esta questão nos arquivos de artistas diz que esta é uma maneira de evitar a desarticulação do “registro documental da produção, do conhecimento do arquivo de artista”.

Arquivologia e Museologia são áreas complementares e, portanto, é imprescindível a interdisciplinaridade no tratamento de acervo com características singulares como os de artistas plásticos, visto que eles permeiam essa dualidade. Certamente arquivos pessoais de indivíduos que possuam outras profissões também

necessitam da integração e do compartilhamento de informações entre as áreas do conhecimento. Tal posicionamento traz inúmeros benefícios ao tratamento de acervos de artistas plásticos, compostos por obras consideradas tradicionalmente museológicas e por documentos nos mais diversos suportes. A Arquivologia é, por natureza, uma ciência interdisciplinar, porém a aproximação epistemológica com o campo da Museologia ainda acontece de forma discreta (ARAÚJO, 2013, 19).

Para Jardim (2012, p.142), “a Arquivologia, desde os seus marcos fundadores, é uma disciplina com vocação multi, pluri e interdisciplinar [...], arquivos não são gerenciados apenas com os instrumentos teóricos e metodológicos da Arquivologia”.

No caso do acervo de Gerchman foi imprescindível a cooperação entre as equipes de Arquivologia e Museologia no tratamento do acervo, compreendido como um conjunto, um fundo único. Tal cooperação permitiu ampliar os horizontes e o material presente no arquivo pessoal do artista e possibilitou descobertas importantes acerca das suas obras, tais como data ou período da obra, identificação de indivíduos nas telas, conhecimento das técnicas utilizadas em alguns quadros e do processo de execução dos mesmos. Estes são outros fatores de importância para o trabalho em conjunto, pois a maior parte dessas informações foi obtida principalmente nas fotografias/cromos/slides, mas as correspondências e os catálogos também foram fontes relevantes. Esse trabalho inicial, fundamental para a compreensão do conjunto, não nega a necessidade de que posteriormente cada área do conhecimento se concentre em suas especificidades. Para a equipe de museólogos era importante a transmissão de informações obtidas no arquivo do artista sobre as obras, pois estas complementavam a ficha técnica das mesmas, com aspectos que iam além das características formais, como dimensão, formato, material utilizado, etc. A organicidade e o contexto da produção artística de Gerchman apenas eram identificados com o conteúdo do arquivo, uma vez que sem o elo fornecido pela documentação inúmeros significados das obras estariam perdidos.

Apenas com o arquivo do artista que é possível compreender plenamente sua representação e ressignificação. A pesquisa histórica e arquivística se complementam para elucidar a interpretação das obras artísticas. A interpretação das obras de Gerchman, quando realizadas a partir das fontes presentes em seu arquivo, agrega maior conteúdo e informação sobre a sua intenção ao produzir determinada imagem.

É preciso uma percepção ampla que envolva a totalidade do acervo arquivístico e museológico, pois as obras são indissociáveis do conjunto documental. Na divisão

dos acervos, quem mais perde são as obras, visto que no arquivo do artista é possível encontrar evidências que revelam aspectos da sua arte e ampliam o conhecimento sobre as mesmas, de tal modo que o conteúdo do arquivo desvela e acrescenta significados.

A arte é mais que contemplação, e para ser compreendida criticamente é preciso investigar suas intenções, suas relações com o contexto no qual foram produzidas. Caso contrário, seu sentido é diluído, fluidificado, empobrecido. O sentido da arte ultrapassa a obra, pois ela é a consequência de uma complexa rede de vivências/experiências, ou seja, a linguagem visual expressa na obra é o resultado dessa rede de conexões anteriores e necessárias para sua elaboração, e isto fica armazenado no arquivo pessoal do artista. Assim como no de outros profissionais, quais sejam escritores, teatrólogos, cineastas, jornalistas, etc.

3 ARQUIVO COMO PROCESSO: INVESTIGAÇÃO SOBRE A MULTIPLICIDADE DE USOS DOS DOCUMENTOS NO ARQUIVO PESSOAL DO ARTISTA PLÁSTICO RUBENS GERCHMAN

Neste ponto do artigo iremos expor as relações existentes entre os documentos pessoais de Gerchman e o uso desses originais pelo artista, a partir das intervenções por ele realizadas. Ou seja, evidenciar os usos artísticos que Gerchman fazia da sua documentação pessoal. O objetivo é apontar a plasticidade de usos e novos sentidos que tais documentos adquiriram ao servirem como fonte de inspiração na elaboração de obras artísticas, bem como, por vezes, se tornar parte integrante da obra.

O arquivo de Rubens Gerchman nos leva a repensar as formas tradicionais como alguns documentos são interpretados nos arquivos pessoais. Outrossim, pretende-se investigar as conexões e as relações existentes entre os documentos do arquivo pessoal de Gerchman e as suas obras produzidas no processo de criação do artista. A partir da análise do arquivo é possível inferir que o processo criativo de Rubens Gerchman se inicia a partir do momento em que ele pratica a seleção de determinadas imagens, seja em suas fotografias ou em recortes de jornais por ele selecionados e guardados e que, portanto, a etapa inicial de produção da obra se dá nos suportes documentais existentes no seu arquivo pessoal.

Do trabalho artístico de criação das suas obras, podemos observar que o testemunho dessa produção se materializa tanto nas próprias obras de artes, quanto

no conjunto de documentos que compõem as etapas de produção dessas obras, tais como rascunhos, projetos, estudos, fotografias.

Toda essa documentação se interconecta de modo orgânico, sem se limitar às barreiras tradicionalmente impostas pelas áreas do conhecimento da Museologia e da Arquivologia. Cadernos de artista, fotografias, recortes de jornais, obras, independentemente do suporte, tipologia ou gênero documental, todo esse acervo foi produzido e acumulado por um mesmo produtor e, por isso tais documentos possuem relação entre si. Cada documento existente no arquivo de Gerchman possuía uma função específica, que lhe servia de base nas etapas do processo criativo.

Os documentos visuais presentes no arquivo pessoal de Rubens Gerchman possuem uma relação com a sua obra artística, que também é visual. Uma das principais fontes de inspiração do artista eram as suas fotografias pessoais, principalmente as de família. Tais imagens possuem uma função não apenas na sua vida privada, mas também na sua arte, uma vez que ao serem transformadas em pinturas são recontextualizadas e reativadas de um modo diferente daquele pelo qual foram produzidas inicialmente.

A família é um dos temas recorrentes na obra do artista, cuja fonte para a sua produção eram os álbuns de família e a história da sua própria vida, numa espécie de autobiografia pintada, ou seja, sua história retratada de maneira pictórica, de tal forma que vida e arte se confundem. Baseado em referências familiares e suas memórias pessoais, produziu obras que retratam seus pais, sua irmã, seus filhos e ele próprio quando jovem.

A utilização das suas fotografias de família como fonte de inspiração para elaboração de alguns dos seus quadros desencadeou a localização de determinadas imagens e possibilitou a identificação de vários personagens presentes em suas obras, retirando estes sujeitos do anonimato. Como exemplo de tal situação, seguem abaixo imagens, a princípio de um bebê não identificado pincelado por Gerchman e que a partir de imagens existentes em seu arquivo foi possível reconhecer como o próprio artista. A imagem em questão faz parte de um conjunto de imagens constante em um álbum desenhado e montado pelo pai de Gerchman, quando do seu nascimento.



Obras sem título. Rubens Gerchman. [196?]. Rubens Gerchman bebê.
Cromos e fotografia do Acervo do Instituto Rubens Gerchman.

A primeira função desse álbum foi dada pelo pai do artista, como lembranças da infância do filho e, posteriormente Gerchman acumula essa documentação que era do pai tornando-a sua. Ao produzir uma obra baseada nessa imagem, Gerchman faz um novo uso da mesma, com uma nova contextualização e criação de um novo documento, a partir desse antigo. Assim, a cada uso, surge outro documento.

A fotografia do artista bebê é fundamental para compreender a origem das três pinturas diferentes que foram produzidas acerca da mesma cena. A partir dela Gerchman explora várias possibilidades de retratá-la e a reutiliza de outro modo, diferente daquele quando da produção da fotografia.

Outra obra elaborada em situação semelhante é a de um casal segurando e ensinando seu filho a dar os primeiros passos, como pode ser observado nas imagens a seguir.



Obra sem título. Rubens Gerchman. [196?]. Os pais Sara e Meer Herschmann com Rubens Gerchman bebê. Cromo e fotografia do Acervo do Instituto Rubens Gerchman.

Lacerda (2012, p.295) corrobora nesta discussão ao dizer que o valor documental das fotografias em arquivos pessoais está diretamente relacionado “à função ou ao uso da imagem em relação à vida do titular do arquivo, [devendo, por isso ser] considerada em estreita relação ao conceito de acumulação”, uma vez que são os motivos da acumulação que evidenciam o propósito de tais registros pertencerem ao arquivo. No caso específico desse grupo de fotografias de família acumuladas por Gerchman, percebe-se que a função dessas imagens para sua vida vai além da questão de recordar, pois tais documentos visuais têm relação intrínseca com a sua obra artística visual, estando as mesmas relacionadas ao seu processo de criação artística. Meneses (2010, p.17) diz que nos arquivos de artista há uma

dimensão sensorial que permite acrescentar aos papéis atribuídos genericamente aos arquivos (prova, testemunho, informação), os de emoção e afeto, como próprios dos arquivos de artista. Mais que isso, torna-se possível integrar profundamente o cognitivo e o afetivo (MENESES, 2010, p.17).

Por isso deve ser lembrado que o sentido dado pelo titular à sua documentação no processo de acumulação é singular.

4 CONCLUSÕES

O estudo da vida e da obra do artista plástico Rubens Gerchman já seria extremamente interessante, visto o reconhecimento social devido à sua importância para a história da arte contemporânea brasileira. Mas indo além dessa justificativa, que poderia ser a força motriz de qualquer pesquisa, este estudo buscou se aprofundar num olhar focado na discussão acerca dos usos e apropriações dos seus documentos pessoais como elementos imprescindíveis na elaboração do processo artístico de criação de suas obras. O intuito foi demonstrar que este arquivo pessoal é caracterizado por peculiaridades oriundas da própria conformação dada pelo seu produtor, que visava à formação de um conjunto documental que lhe atendesse de modo a ser útil não apenas nos aspectos pessoais, mas também nos profissionais. De tal modo que é possível perceber que vida e obra se mesclam mutuamente nos documentos e nas obras artísticas, como que num emaranhado de vestígios da sua vida pessoal e trajetória artística.

O arquivo pessoal de Gerchman possibilita um contato, sem intermediários, no cerne da sua produção artística, diretamente nas fontes primárias que contribuíram na construção de suas reflexões para conceber sua arte. É portanto, um conjunto documental relacionado com a memória, tanto da trajetória de vida, quanto do processo criativo do artista que, por isso, é relevante não apenas para a realização de estudos sobre a obra de Gerchman, mas também acerca do entendimento da complexa rede de relações entre as obras e os documentos por ele produzidos.

O que chama a atenção no arquivo do artista plástico Rubens Gerchman é o modo como se davam os usos do seu arquivo, tanto no que diz respeito aos seus documentos pessoais, quanto na serventia que o arquivo possuía para embasar suas obras. Gerchman, ao fazer uso de sua documentação para criar sua obra, reconstrói seu significado, pois a ela são agregados novos valores e reflexões. Ou seja, o artista, ao se apropriar de determinado documento, renova seu sentido, gerando a cada uso um novo documento, em um novo contexto, com uma nova função.

Percebe-se que este arquivo possui um valor pictórico que não está relacionado apenas às obras de arte, mas também, e não menos importante, aos documentos visuais que deram origem a essas obras, cujos registros estão presentes no seu arquivo pessoal.

Outro questionamento levantado nesta pesquisa diz respeito ao fato de que, nos arquivos de artistas plásticos, os acervos tradicionalmente separados entre arquivístico e museológico se confundem em vários momentos, isto porque a documentação possui uma articulação, que liga um ao outro, sem que haja uma hierarquia preestabelecida entre eles. Os acervos de artistas plásticos possuem simultaneamente tanto a documentação, denominada de arquivo pessoal, como as obras produzidas pelo artista, que costumeiramente são tratadas por museólogos. Ou seja, num mesmo acervo coexistem documentos e objetos.

A Arquivologia define o conceito de arquivo como sendo todos aqueles documentos recebidos e produzidos pelo titular. Mas é preciso levar em conta as peculiaridades de tais arquivos. No caso de Gerchman, o entendimento de que as obras podem ser consideradas documentos faz parte da percepção de que as mesmas se relacionam organicamente com os outros conjuntos documentais que formam seu arquivo, além de ser necessária a compreensão da documentação para o produtor e os diversos usos por ele efetuados. A partir dessa percepção é possível considerar como arquivo, num sentido amplo, e do ponto de vista da arquivística, todos os documentos de Gerchman, incluindo suas obras. É válido ressaltar que é importante respeitar a visão da Museologia, e que o que se propõe é o diálogo entre as áreas para, por exemplo, serem levadas em consideração as relações orgânicas e contextuais existentes entre documentos e obras, no que se refere aos processos de interações possíveis dos elementos que formam o acervo, independentemente da sua forma de registro.

Para compreender o acervo, é necessário entendê-lo como um todo indissociável de obras e documentos, no qual os documentos arquivísticos revelam aspectos significativos e únicos da obra compreendida usualmente como museológica. Desse modo, é indispensável que seja realizado um trabalho em conjunto (interdisciplinar), com a junção dessas diferentes disciplinas para o entendimento global do acervo, o que permite a recuperação dos contextos não apenas dos documentos, mas também das obras. As pinturas, serigrafias, gravuras são registros que também têm a capacidade de ser fonte de informação e, portanto, são objetos materiais que devem ser entendidos como documentos. Inclusive, essa troca de conhecimentos pode contribuir no avanço da pesquisa com a promoção de procedimentos voltados para as discussões acerca de arquivos pessoais de artistas plásticos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Museologia e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis. In: **Museologia e Interdisciplinaridade**, vol. 11, nº 4, maio/junho de 2013. p.10-27.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232p.; 30cm. – Publicações Técnicas; nº 51.

BEVILACQUA, Gabriel Moore Forell. Arquivos em museus: apontamentos a partir da experiência do Centro de Documentação e Memória da Pinacoteca do Estado de São Paulo. In: Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa, São Paulo, 9-10 nov. 2009. / Magalhães, Ana Gonçalves org. **Anais...** São Paulo: MAC USP, 2010.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Objetos em arquivos: algumas reflexões sobre gênero documental. In: Seminário Serviços de Informação em Museus, 1º, São Paulo, 25 e 26 de novembro de 2010. **Anais**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011. p.157-165.

CIRILLO, Aparecido José; COSTA, Rosa da Penha Ferreira da. Acervos de artistas: fontes documentais do processo de criação nas artes visuais. In: **II Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia**. Rio de Janeiro, 16 a 18 de novembro de 2011.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo. In: **Revista Estudos Históricos**. Arquivos Pessoais. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998, p.129-149.

FERRANDO, Ellen Marianne Röpke; GONÇALVES, Edmar Moraes. A presença artística nos arquivos pessoais de escritores brasileiros: o caso do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. In: **Arquivos pessoais e cultura: uma abordagem interdisciplinar** / Lucia Maria Velloso de Oliveira e Eliane Vasconcellos, organizadoras. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

JARDIM, José Maria. A pesquisa em Arquivologia: um cenário em construção. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.135-153. Disponível em: >http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/estudos_avancados_arquivologia.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2015.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol.19, n.1, jan/mar de 2012. p.283-302.

MCKEMMISH, Sue. Provas de Mim...In: **Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa** / Organização Isabel Travancas, Joëlle Rouchou, Luciana Heymann. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p.17-43. (Artigos apresentados no seminário realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2010.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Arquivos de artista, museus e pesquisa: reflexões de um historiador. In: Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa. São Paulo, 9 – 10 nov. 2009. Magalhães, Ana Gonçalves org. **Anais...** São Paulo: MAC USP, 2010.

SILVA, Armando Malheiro da. A transição paradigmática e o posicionamento da Museologia face à Ciência da Informação transdisciplinar. In: **Arquivos, Bibliotecas e Museus: realidades de Portugal e Brasil.** / Zeny Duarte, organizadora. – Salvador: EDUFBA, 2013. P.17-38.